

P. A17

Um cavalo selado e não montado

Os judeus, conduzidos por Moisés, vagaram pelo deserto durante 40 anos para chegar à terra prometida. Nossa visão de hoje é a de que os precursores foram pessimistas e não tiveram a coragem de chegar.

É o mais antigo exemplo guardado em escrita de perda de oportunidade. Encarna aquilo que o ditado popular brasileiro bem define, numa imagem campestre: deixar o cavalo passar. O que o Macaco Simão, no seu jeito inconfundível, glosou, quando da privatização das teles: "Todos temos de ter uma *oportunity*".

Lembro tudo isso, tentando usar humor, quando temos uma sensação de lástima, ao ver o que se passa no Oriente Médio, na trágica guerra palestina. Arafat teve sua grande oportunidade quando Clinton, ao olhar o fim do seu governo e querendo marcá-lo com um sinal permanente, chamou Barak a Camp David e propôs um novo Tratado de



JOSÉ SARNEY
PRESIDENTE DO SENADO

Paz, o mais vantajoso de todos os que já foram colocados na mesa para resolver o conflito. Ele, que lutou tanto pelo seu povo, num momento decisivo, deixou passar a virada histórica. Não teve a coragem de Sadat, que fez o povo egípcio voltar ao Sinai. Nem repetiu o seu gesto com Rabin e Perez, quando assinaram os protocolos de Estocolmo, que até hoje são a pequena brasa não apagada, contida pelas cinzas da intifada, que resistiu a todos esses anos de luta. Sadat e Rabin tiveram a bravura de morrer sem medo da História.

Hoje, humilhado, afastado de todas as mesas de negociação,

refugiado nas ruínas de Ramala, Arafat aceita a paz proposta por Bush, a chamada *feuille de route*, que alguns dos nossos jornais traduzem como mapa da estrada e que nada mais é do que o mapa da mina.

Esse gesto de Arafat trouxe de volta a intifada, a destruição do território ocupado pela Autoridade Palestina, a eleição de Sharon, o agravamento da situação palestina e, quem sabe, favoreceu as condições para a invasão do Iraque e tudo mais a que assistimos agora.

De qualquer maneira, renasce a esperança da retomada de uma negociação de paz, que possa construir um Estado Palestino, fazer voltar a tranqüilidade que não têm e não tiveram as várias gerações que ali convivem com o cotidiano da guerra e a trágica visão de um futuro sem futuro.

O que Clinton não conseguiu, por essas injustiças do tempo, tenta Bush, no domínio de sua

prepotência. A sua imagem bem se compõe com a de Sharon desfilando entre mortos e desesperadas vítimas do enfrentamento.

Ele, também, de uma maneira diferente de Arafat, está sendo empurrado pelos fatos, já que, como guerreiro, só lhe satisfaz a decisão das armas, da força e da violência.

O momento favorece o renascer da esperança. Os Estados Unidos, embora tenham ganho a guerra do Iraque, têm de mudar sua imagem e, para isso, nada melhor do que uma solução para o Oriente Médio.

Uma oportunidade perdida, a de Clinton em Camp David, mostra como um gesto, uma decisão ou indecisão, pode trazer tragédia ou felicidade.

Nem todos têm essa sorte de "*oportunity*".

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras